



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Mauricio Barroso Dias Mota

A DIVERSIDADE ÉTNICA E FAMILIAR EM DESENHOS ANIMADOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Palmas – TO

2021

Mauricio Barroso Dias Mota

A DIVERSIDADE ÉTNICA E FAMILIAR EM DESENHOS ANIMADOS NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa.

Palmas – TO

2021

Mauricio Barroso Dias Mota
A DIVERSIDADE ÉTNICA E FAMILIAR EM DESENHOS ANIMADOS NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Dra. Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2021

RESUMO

MOTA, Mauricio Barroso Dias. **A Diversidade Étnica e Familiar em Desenhos Animados no Desenvolvimento Infantil**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2021.

A mídia e os desenhos animados estão presentes durante a infância da maioria das crianças, já fazendo parte do brincar e do processo de aprendizagem. O ser humano, em seu processo de desenvolvimento, é influenciado tanto pela família quanto por suas relações com o meio externo e, conseqüentemente, tem seu processo de formação construído ao longo do tempo com base nessas interações. A subjetividade e formação identitária do indivíduo, juntamente do seu crescimento moral e intelectual, sofrem influência da mídia e dos desenhos animados, que fazem parte da construção presente no desenvolvimento ao longo da vida. A mídia acompanha as mudanças culturais e sociais para abordar temáticas atuais como a diversidade, feminismo e capitalismo. Desenhos contemporâneos como Steven Universe e She-Ra e as Princesas do Poder abordam essas diversas temáticas e são influenciadores no processo de desenvolvimento infantil. Para a investigação deste trabalho, foi utilizada pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, que reuniu dados científicos acerca do tema, nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. As informações quanto “subjetividade”, “desenvolvimento infantil”, “mídia”, “diversidade” e “formação identitária” foram pesquisadas em combinações, tratadas e analisadas para determinar a interligação do processo de influência da mídia, desenhos e o desenvolvimento-formação do indivíduo. Como principais resultados observou-se que a diversidade étnica, cultural e familiar presente em desenhos animados pode contribuir na formação identitária e desenvolvimento infantil, fazendo com que a criança entre em contato com a diversidade, aprenda e a naturalize em seu cotidiano durante a vida.

Palavras-chave: Desenhos animados, Desenvolvimento infantil, Infância, Subjetividade, Diversidade.

ABSTRACT

MOTA, Mauricio Barroso Dias. **Ethnic and Family Diversity in Cartoons for Child Development. 2021.** Course Conclusion Paper (Graduation) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2021.

The media and cartoons are present during the childhood of most children, already part of their playing and learning process. The human being, in his development process, is influenced both by his family and by his relations with external environment and, consequently, his formation process is built over time based on these interactions. The person's subjectivity and identity formation, together with his moral and intellectual growth, are influenced by media and cartoons, which are part of the construction present in development throughout life. The media follows cultural and social changes to address current themes such as diversity, feminism and capitalism. Contemporaneous cartoons such as Steven Universe and She-Ra and the Princesses of Power address these diverse themes and are influential in the process of child development. To investigate this academic work, bibliographic research was used, with a qualitative approach, which gathered scientific data on the subject, in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Academic Google databases. Information on "subjectivity", "child development", "media", "diversity" and "identity formation" were put in combinations, treated and analyzed to determine the interconnection of the media influence process, drawings and the development-formation of the individual. As main results, it was observed that the ethnic, cultural and family diversity present in cartoons could contribute to identity formation and child development, making the child come into contact with diversity, learn and naturalize it in their daily life during years.

Keywords: Cartoons, Child development, Childhood, Influence, Subjectivity, Diversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 REFERENCIAL TEÓRICO	07
2.1 A CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	07
2.1.1 O SUJEITO E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE.....	11
2.2 A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA.....	13
2.2.1 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA NA PRÉ E PÓS MODERNIDADE.....	14
2.2.2 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA INFÂNCIA.....	17
2.3 DESENHOS ANIMADOS E A MÍDIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	19
2.3.1 CONTRIBUIÇÕES MORAIS E INTELECTUAIS.....	22
2.3.2 STEVEN UNIVERSO.....	24
2.3.3 SHE-RA E AS PRINCESAS DO PODER.....	25
3 METODOLOGIA.....	27
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	28
3.3 OBJETO DE ESTUDO	29
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	29
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	30
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	30
3.6.1 Desfechos	31
<u>3.6.1.1 Primário</u>	<u>31</u>
<u>3.6.1.2 Secundário</u>	<u>31</u>
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A mídia e os desenhos animados estão presentes no período de desenvolvimento infantil da maioria das crianças. A criança cresce e se desenvolve enquanto brinca, comunica-se e interage com o mundo, sendo a televisão elemento importante desse processo. Nas diferentes partes do desenvolvimento infantil, a criança desenvolve sua linguagem, suas interações com o meio interno e externo, suas relações sociais e culturais; ela sofre influência ao mesmo tempo em que influencia o meio em que vive. Durante esse processo, sua identidade é construída ao longo de toda a vida, contribuindo para o desenvolvimento biopsicossocial.

Por ser um processo contínuo e influenciado por diversos fatores, a televisão e os desenhos também fazem parte disso. A mídia propõe reflexões, opiniões e impacta no modo de pensar dos telespectadores, além de suas contribuições morais e intelectuais. A criança, que se encontra em um processo mais delicado de desenvolvimento, poderá estar mais suscetível a essas influências, as quais são feitas através das temáticas culturais da contemporaneidade. Não só ela, mas toda a família se encontra e é afetada por essa influência e pelo desenvolvimento identitário da criança.

A mídia, que segue constantemente a moralidade e aspectos culturais da contemporaneidade, cada vez mais aborda temáticas antes pouco faladas ou consideradas tabus. Essas temáticas estão nos filmes, propagandas e nos desenhos animados e, com isso, as crianças sofrerão dessa influência. As temáticas abordadas, como diversidade, feminismo, LGBT, racismo, diversidade étnica etc., quando trabalhadas de maneira adequada, podem ser positivas no desenvolvimento da criança e assim servindo de oportunidade para um desenvolvimento mais saudável que perdurará por toda a vida.

Como problema de pesquisa, essa investigação buscou esclarecer como a diversidade étnica e familiar, que se encontra cada vez mais presente na mídia e em desenhos animados, influenciaria no desenvolvimento infantil. Assim, como Objetivo Geral, buscou compreender, através da literatura da psicologia, se a diversidade étnica e familiar presentes nos desenhos animados influencia no desenvolvimento infantil.

A pesquisa também procurou atender aos seguintes objetivos específicos: Investigar os aspectos do desenvolvimento infantil que estão interligados com a mídia; Identificar o que a literatura expõe sobre a influência cultural dos desenhos na constituição subjetiva das crianças; Investigar os estudos sobre o desenvolvimento da subjetividade e identidade; Relacionar as influências dos desenhos e da mídia e o desenvolvimento da subjetividade das crianças; e Avaliar o processo da formação identitária devido a exposição à diversidade étnica e familiar em desenhos animados.

Foi mostrado, através da pesquisa científica e estudos sobre a temática, como a diversidade étnica e familiar presente em desenhos como ‘Steven Universo’ e ‘She-Ra e as Princesas do Poder’ podem ser positivas para o desenvolvimento infantil. Os capítulos abordam a formação identitária, o desenvolvimento e a constituição moral e intelectual da criança através da exposição midiática dos desenhos durante a infância.

Este trabalho mostra-se relevante, do ponto de vista acadêmico, com o aumento significativo da presença de uma vasta diversidade em desenhos animados da contemporaneidade em comparação aos que existiam há muitos anos, como diz Zerene, Ubialli e Calminatti (2014), esses desenhos estão presentes na vida das crianças antes mesmo de serem alfabetizadas. E em decorrência disso, a diversidade exposta nessas animações se apresenta de alguma forma interligada com o desenvolvimento infantil, visto que o público-alvo desses desenhos são crianças que se encontram na fase de seu desenvolvimento, sendo também temas de estudo da ciência psicológica.

Justifica-se assim, no âmbito social, a relevância dessa pesquisa em decorrência do desenvolvimento infantil estar interligado com a formação do indivíduo. O ser humano cresce e se desenvolve através dos seus acontecimentos na infância e é demarcado, embora não sentenciado, por ele. É de importância conhecer um estudo sobre influências nesse desenvolvimento e, por consequência, estar mais consciente dos processos aos quais todos os indivíduos possam estar submetidos.

Por fim, do ponto de vista pessoal, é possível que o desenvolvimento infantil seja influenciado de uma maneira considerável pela diversidade familiar e étnica presente nas animações. Tanto pessoal quanto academicamente esse trabalho pode ajudar a identificar esses aspectos na literatura ou até mesmo a falta deles. O tema foi escolhido tanto pelo autor ter interesse sobre animações quanto pela diversidade contemporânea, fazendo, assim, um conjunto dessas temáticas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Através dos séculos as ideias e conceitos sobre criança foram surgindo e se modificando de acordo com cada visão de mundo estabelecidas em diversos lugares e culturas. Portanto, a concepção de criança que existe atualmente é algo que se modificou e foi criado na modernidade. Seguindo a linha de temporalidade a qual a ideia de criança passou, Philippe Ariès diz que a criança ocupou diferentes posições frente à sociedade e às expectativas dos pais (PRISZKULNIK, 2004).

No século XIX, é consolidada uma nova ideia sobre criança. Essa concepção passa a considerar que a criança precisa ser preparada para a vida adulta através de cuidados e disciplina rígida e efetiva (CLASTRES, 1991). Com isso, estabelece-se a importância moral e social da educação através de instituições, que se adaptaram e se especializaram para essa nova demanda, sendo responsável por todo o ciclo escolar onde a criança passa a frequentar durante todo o período da infância. “A crescente preocupação moral e educativa, a partir do século XVII, faz com que as instituições escolares se organizem cada vez mais e que apareça a forte ligação entre criança, educação e escola. Surge, então, esse novo lugar para a criança” (ARIÉS, 1981).

Ao final do século XIX, a criança passa a ser um objeto ainda mais específico de estudo, devido a vários questionamentos aos princípios educativos estabelecidos, que estavam sendo relacionados a uma taxa de mortalidade advinda de doenças infecciosas e do regime escolar. Iniciou-se então diversas pesquisas e estudos, junto da obrigatoriedade da escolaridade primária para as crianças e, também, maiores cuidados com a higienização (PRISZKULNIK, 2004).

Nesse contexto histórico, entre o final do século XIX e o início do século XX, Freud divulga e mostra ao mundo seus novos estudos e concepções sobre o inconsciente e a sexualidade infantil, que antes eram desconhecidos, provocando um forte abalo entre os ocidentais que, antes, confiavam amplamente na razão, fazendo com que eles duvidassem das próprias noções estáveis que antes possuíam quanto à supremacia da consciência (PRISZKULNIK, 2004).

De todos os estudos e descobertas de Freud, existe a ideia de que a sexualidade não é determinada pela biologia, mas sim se constrói junto ao desenvolvimento do indivíduo. Já pela perspectiva de Jacques Lacan, havia uma nova maneira de funcionamento que poderia estar em conjunto com esse desenvolvimento: a importância da linguagem, que se fazia necessário incluir em estudos relacionados a constituição psíquica (LACAN, 1953).

Sobre este mesmo tema, Piaget (1983) defende que o conhecimento adquirido por um indivíduo não advém de experiências únicas com objetos e nem de uma programação biológica

inata, mas sim de uma interação entre os dois. Essa interação leva a construções e elaborações contínuas de novas estruturas, em um processo denominado equilíbrio majorante, que contribui com a correção e consumação dessas formas de equilíbrio (MACEDO, 1993).

Segundo a teoria piagetiana, em cada momento do desenvolvimento intelectual uma estrutura é responsável por uma forma particular de abordar o meio e emitir uma resposta. Assim, em cada idade temos um modo típico de nos relacionar com o meio, que é determinado por uma estrutura mental característica e que é determinante de uma forma particular de raciocínio. Para Piaget, não há cronologia fixa nos estágios, mas uma sucessão deles: Afinal, seu objeto de estudo era o processo de conhecimento, e o estudo do desenvolvimento humano foi apenas o recurso que ele usou para atingir seu objeto (MAGALHAES, 2006).

Em relação aos estudos de Freud, a partir da psicanálise, houve a expansão e mudança na compreensão sobre como o ser humano era visto na ciência, não mais como objeto, mas sim marcado pelo inconsciente, que abriu diversas possibilidades de estudos por ser denominado como algo desconhecido pelo próprio significado psicanalítico. Com isso, surgem os termos “inconsciente”, “sexualidade”, “corpo” e “linguagem” que são norteadores para os seguintes estudos com crianças (PRISZKULNIK, 2004).

O inconsciente, para Chauí (1996), é algo que está desconhecido, ou apenas conhecido de forma indireta, pelo consciente. O sujeito e seu consciente não conseguem controlar ou refletir sobre tudo o que sentem, falam ou pensam, pois são determinados pelo inconsciente. É dito por Freud que o ser humano fica limitado às pretensões da consciência, que acabam não se tornando capazes de controlar e dominar toda a realidade e conhecimento (CHAUÍ, 1996).

Vale a pena ressaltar que o inconsciente freudiano não deve ser pensado como o lugar da irracionalidade em oposição à racionalidade da consciência, pois ele tem seus atributos e sua lógica própria (lógica do inconsciente) que diferem marcadamente das leis da atividade psíquica consciente (lógica do consciente). O inconsciente freudiano designa um sistema psíquico que possui um modo próprio de funcionamento (processo primário, deslocamento e condensação) e opera segundo leis próprias (desconhece o tempo, a negação, a contradição) (PRISZKULNIK, 2004).

Conforme já explicitado anteriormente, Freud e sua descoberta sobre a sexualidade infantil abala totalmente os cientistas e a sociedade conservadora do século XIX, que antes considerava a criança como um ser puro, inocente e assexuado, que considerava qualquer atitude sexual vinda de crianças como uma degeneração e depravação prematura. Para ele, a sexualidade não começava apenas na puberdade, mas sim possuía fortes indícios de que estava presente na infância. A sexualidade se encontraria então separada em uma ligação entre o sexo genital e os órgãos sexuais, que estariam ligados a uma função corpórea de prazer, não apenas reprodução (FREUD, 1976).

Na experiência e na teoria psicanalíticas, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam

um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual (LAPLANCHE; PONTALIS, 1976, p. 619).

Já a noção de corpo, para a psicanálise, diferencia-se da noção de corpo para a biologia, em que a biologia considera o corpo como um objeto da ciência, sendo um organismo que trabalha a partir de suas funções fisiológicas e orgânicas; o corpo para a psicanálise é marcado, lido e construído pela linguagem e pela sexualidade do sujeito humano (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2000).

A linguagem engloba a palavra, que para Freud é um instrumento poderoso pelo qual compartilha-se sentimentos e influências sobre outras pessoas, palavras que podem causar o bem ou feridas terríveis. O inconsciente se revela na fala mesmo que o sujeito não queira, operando fora do controle do consciente (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2000).

Um significante pode produzir várias significações, ou seja, uma mesma imagem acústica pode querer dizer coisas diferentes para sujeitos diferentes; posso querer dizer uma palavra com determinada significação, mas quando falo, falo sem saber e sempre mais do que sei (além do conhecimento consciente), portanto ao falar posso estar dando à palavra uma significação diferente daquela que realmente queria dar. Quem ouve, pode dar à mesma palavra uma outra significação bem diferente da minha, da qual também não tem conhecimento. Essa situação também abala a ilusão do ser humano de saber perfeitamente o que está falando, de ter certeza que o outro ser humano está entendendo plenamente o que está sendo falado e de ter a convicção que é possível uma comunicação sem ambiguidades. A fala tem a característica de ser inevitavelmente ambígua (PRISZKULNIK, 2004).

Com esses conceitos, Freud mostra a criança como um sujeito desejante, determinada e submetida pelas leis da linguagem e que busca tanto os objetos de satisfação de suas necessidades quanto amor, o que inclui estar dentro do âmbito da sexualidade, indo em desencontro ao conceito de que a criança é “pura” e assexuada como se pensava (FREUD, 1976).

Seguindo essa linha, antes de nascer, ainda na barriga da mãe, o sujeito humano já é marcado pelo desejo inconsciente dos pais, que falam e imaginam sobre o bebê. Ela é esperada, os pais criam expectativas baseadas em suas próprias histórias de vida, e ela se torna uma representação, marcada simbolicamente. Ao nascer, a criança se depara com todo esse inevitável, que engloba também uma filiação, uma sociedade, uma cultura, nascendo assim inserida na linguagem desse contexto. Para Freud, tudo isso é determinado antes mesmo do nascimento, persistindo no crescer e na vida adulta, sendo essas impressões nos primeiros anos de vida importantes influentes na compreensão do indivíduo adulto (PRISZKULNIK, 2004).

Sobre esse mesmo tema, Piaget sustenta que toda essa estrutura se forma em um sistema de transformação com suas próprias leis, que por sua vez se mantem e se complementam através

das próprias transformações, sem a necessidade de intervenção de elementos externos. Totalidade, transformação e autorregulação são as três características de uma estrutura. A totalidade, também chamada de estabilidade, se encontra na relação entre os elementos nunca resultar em outro elemento estranho ao sistema; a transformação dita que os elementos vão sempre estar relacionados entre si de uma forma dinâmica e a autorregulação baseia-se em uma estrutura nunca sendo regulada por outra. Com isso, para Piaget, a constituição subjetiva é fruto da ação, que media as relações entre os objetos e um indivíduo, construindo assim o sujeito cognitivo (MAGALHAES, 2006).

A linguagem, então, é considerada não só no falar, mas também nessas representações anteriores. Uma criança antes mesmo de nascer ou de aprender a falar já está inserida na linguagem, elas já são capazes de entender o sentido das palavras ditas a elas ou perto delas, o que humaniza o entendimento da criança quanto a fala e comunicação verbal, característica primordial dos seres humanos (PRISZKULNIK, 2004).

Jacques Lacan considera que a constituição das estruturas de um indivíduo não acontece através de uma ordem cronológica, pois para ele o sujeito não se desenvolve, mas sim se encontra em uma estrutura previamente estabelecida, a qual o indivíduo faz uso e está imerso desde o início de sua vida (LACAN, 1953).

Para ele, a linguística se torna a base para a formação dessa estrutura, sendo ela uma instituição coletiva, que possui regras aos indivíduos que são construídas passadas através das gerações. Posteriormente, é dito por Lacan que essa estrutura não é rígida, pois a linguagem faz com que o indivíduo seja influenciador em suas falas, tornando a estrutura dinâmica quando consideramos o sujeito falante como diferente da sua materialidade (CIRINO, 2003).

Freud então desenvolve um aspecto muito importante sobre a relação entre a criança e o adulto, chamado de amnésia infantil. Para ele, ela resulta de um recalçamento sobre a sexualidade infantil que cobre quase todos os acontecimentos da infância, distanciando o adulto de seu eu criança, o que para Freud é inevitável. Paralelamente, o adulto se distancia também da criança em si, fazendo com que ela se torne sempre um mistério para o adulto, assim como o adulto é para ela. Com isso, se torna reconhecível que a relação da criança com o adulto poderá possuir contradições e conflitos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1976).

Pensar na criança implica necessariamente o adulto com suas concepções ou com seus preconceitos em relação à infância. Construir um ideal para a criança, implica necessariamente construir um ideal para o adulto. Se existe a ideia da criança como “um adulto em miniatura”, o adulto é o padrão a ser atingido e, conseqüentemente, a criança pode ser vista como “inferior” enquanto não atingir o padrão esperado. Se a criança é vista como “uma tábula rasa”, ela é vista como “um pedaço de barro” (algo “menor”), que precisa ser moldado pelo adulto provedor e protetor. Se ela é vista como “inocente”, ela precisa da proteção do adulto e da disciplina imposta pelo adulto para

não se deixar corromper pelas tentações do mundo. Assim, independentemente de como a criança é vista, existe o padrão de adulto a ser atingido. Dito de outra maneira, o adulto idealiza a criança sem perceber que também está construindo um ideal para ele; pode ser um ideal de pai ou mãe, de aluno(a), de professor(a), de trabalhador(a), etc (PRISZKULNIK, 2004).

A criança enquanto cresce biologicamente, também cresce na linguagem e na sexualidade, adquirindo uma estruturação e um corpo considerado inconsciente, que muitas vezes não coincide com o corpo organismo, até mesmo sendo um influenciador para mudanças no funcionamento desse corpo organismo (PRISZKULNIK, 2004).

2.1.1 O SUJEITO E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Embora Lacan considere o indivíduo como sustentado por sua estrutura linguística, ela não é o suficiente para dizer tudo sobre o ser humano, assim como a teoria da sexualidade humana de Freud que inclui conteúdos recalçados que não possuímos acesso ou não aceitamos. Sendo assim, Lacan se refere a estrutura como algo de borracha, não possuindo uma rigidez como a linguística, a qual é mais maleável (DOR, 1989).

Quando se fala de estrutura e desenvolvimento, é importante diferenciar alguns termos. O processo evolutivo de uma criança possui três perspectivas teóricas distintas, sendo elas crescimento, maturação e desenvolvimento. O desenvolvimento é o mais abrangente entre eles, pois inclui o crescimento, maturação e aspectos psicológicos, que formam um conjunto de transformações globais que conduzem adaptações flexíveis (MAGALHAES, 2006).

Entretanto, Levin (2002, p.27) lembra que “o sujeito nunca se desenvolve: o sujeito se estrutura ou não há sujeito. O “ou” opera aqui como disjunção e não como conjunção. Neste sentido, uma criança se desenvolve, mas um sujeito não”. Assim, não se pode equacionar sujeito e criança, da mesma forma que não se pode equacionar estrutura e desenvolvimento. (...) Segundo Levin (2002, p. 33), a estrutura é a linguagem; implica um corte sincrônico e uma constância; constitui-se em relação com o Outro e é constituinte; não se desenvolve. (...) O desenvolvimento é do corpo em seus aspectos motores, verbais, mentais; implica uma diacronia (corte horizontal); constrói-se em relação com a demanda do Outro; e supõe um processo de construção, de aprendizagem e de maturação. Tal estrutura é inteiramente governada pela ordem simbólica, ao passo que o desenvolvimento é governado pela dinâmica do imaginário (MAGALHAES, 2006).

Sendo assim, há uma diferenciação entre o desenvolvimento, que envolve aspectos biológicos, verbais e psicológicos, e a estrutura, que engloba uma constância de relações consigo e com o outro, não se desenvolvendo (LEVIN, 2002).

Ao falar de corpo humano, inclui-se, para Levin, a linguagem, pois o corpo humano ao sentir desejo, demonstra nas posturas, gestos, movimentos e atitudes corpóreas, não apenas de uma ação motora e mecânica, mas sim de uma junção entre o dizer e o desejar, sendo então um ato psicomotor tomado pela linguagem. Essa leitura do desejar não é apenas feita do indivíduo,

mas também pelo outro, o que implica uma construção e uma reconstrução, fazendo parte de uma ordem imaginária entre uma relação que necessita desse outro para se validar, pois é uma linguagem não dita e metafórica, fazendo parte do aspecto estrutural (LEVIN, 2003).

A imagem corporal aparece nesse processo como constituinte do sujeito desejante e não é da ordem do evolutivo, visto que vai se constituindo a partir da experiência subjetiva, razão pela qual está relacionada com a inscrição, com a demarcação mnêmica. A memória, no entanto, inscreve-se no corpo que, para Levin (2003, p. 72), vai constituindo uma descontinuidade, um corte, uma alteridade, uma marca, produto da linguagem que dá a possibilidade de gerar imagens que recobrem a falta sem esgotá-la. Por isso a imagem corporal é um mistério, uma incógnita, e é inconsciente. (...) Justamente a diferença fundamental não reside no esquema corporal, mas em cada um foi marcado, tatuado, mapeado, de forma diferente (MAGALHAES, 2006).

Ainda assim, não há como negar que existe uma interdependência entre os fatores de desenvolvimento e os de linguagem, o tempo de maturação constitui a matéria-prima ao qual a linguagem e o sujeito operam. A lógica e a linguagem marcam os acontecimentos biológicos ao mesmo tempo em que dependem dele, a cronologia e o sujeito se associam, afetam-se e amadurecem (BERNADINO, 2004).

A infância e o desenvolvimento infantil fazem parte dos estudos da psicanálise como sua marca e estão presentes nas obras de Freud desde seus primeiros estudos, sendo um período da vida humana de muita especificidade. Era compreendido por Freud que a infância é demarcada por diversas recordações, tanto as ditas e lembradas como as esquecidas, sendo as esquecidas consideradas muito relevantes quanto a compreensão de sintomas relatados por pessoas adultas, processo chamado de infantil recalcado (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007).

Embora o infantil influenciador na constituição do psiquismo e dos sintomas no trabalho de análise dos pacientes nas obras de Freud estivesse relacionado, esses conceitos não eram delimitados de forma precisa. Ainda assim, seus estudos sobre as noções da infância explicavam como os primeiros anos de vida eram importantes na constituição psíquica. Posteriormente, outros estudos de Freud são mais precisos quanto a essa construção teórica, como os estudos da fantasia na infância, que é considerada muito importante para o entendimento da constituição do psiquismo (FREUD, 1980).

Esses estudos diziam que a realidade psíquica, ou fantasia, possuía um valor teórico muito importante que antes era atribuído apenas à realidade material, o que faz com que os estudos de Freud compreendam a importância dos primeiros anos de vida na constituição psíquica, onde essa fantasia foi realocada para a metapsicologia e passava a ser destacada como influenciadora na compreensão e construção dos estudos do infantil em análise (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007).

A partir de então, a consideração da fantasia enquanto verdade psíquica confere ao infantil um estatuto que se estende para além daquilo que foi visto, ouvido ou vivido na infância. A dificuldade de compreensão coloca-se exatamente nesse ponto, pois o infantil também se refere às sensações que ficaram grafadas no psiquismo nos primórdios da constituição psíquica. Os sons, os cheiros, as sensações táteis compõem as marcas mnêmicas primordiais e estende-se para além delas. Assim, pensar o infantil como um conceito psicanalítico passa pela compreensão de uma infância que desliza da simples cronologia e das experiências passíveis de narração à realidade psíquica, e da fantasia como um elemento irrevogável da constituição do psiquismo (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007, p.66)

O autor cita que Freud associava acontecimentos e experiências infantis com a constituição do psiquismo. A busca pela satisfação e o desamparo infantil eram elementos que constituíam a subjetividade, essas experiências, mesmo recalçadas e inacessíveis, possuíam valores que influenciavam nas seguintes fases da vida, como visto em casos de histeria, em que o sujeito resgatava esses acontecimentos esquecidos e os vinculava a realidade material.

Como um conceito que se constitui no cerne do trabalho de análise, a teorização do infantil comparece na metapsicologia como um recurso que possibilita uma posição do analista em relação àquilo que ouve de seu paciente. Em suas diferentes facetas, o infantil refere-se àquilo que, sob a ação do recalque, origina e determina o psiquismo humano. Referido a um tempo originário, o infantil inscreve-se no psiquismo humano como uma construção atravessada pela fantasia. No trabalho de psicanálise, o infantil comparece em um constante movimento de retorno e atualização daquilo que, no percurso do desenvolvimento pulsional, pode ser construído, somente a posteriori, como sendo a infância de cada analisando (ZAVARONI; VIANA; CELES, 2007, p.69).

Posteriormente, os estudos de Freud foram adaptados e o infantil passa a ser entendido como algo que se reconstrói ao longo da vida, através da análise das fantasias e experiências ocorridas na infância. Sendo assim, o infantil, mesmo recalçado ou esquecido, não se desfaz ao longo dos anos, mas sim permanece influenciando e reconstruindo a análise que o indivíduo faz em seu percurso de vida.

2.2 A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Michel Foucault (1986) elaborou uma genealogia do sujeito moderno destacando um tipo de poder chamado “poder disciplinar”, que perdurou todo o século XIX e início do século XX. Esse poder baseava-se no controle de massas, que posteriormente se tratava do controle sobre o indivíduo e do corpo, e ascendeu a criação de diversas instituições que colocavam em prática esse controle, como hospitais, clínicas, escolas, quartéis etc.

Para ele, as técnicas aplicadas de coerção e controle sobre as massas e a ciência eram ferramentas utilizadas nesse processo. O sujeito era individualizado e seu corpo restringido, através da influência dessas instituições coletivas, tornando-os mais rígidos e centralizados.

Isso não só afetava os indivíduos como também se destacava sobre as minorias, como as mulheres, a qual tinham sua subjetividade demarcada.

Foi então que movimentos como o feminismo apresentaram-se tanto como uma teoria crítica quanto um movimento de prática social. O feminismo, junto de diversos outros movimentos como os direitos civis, as manifestações e a contracultura, fez uma rígida oposição à segregação, capitalismo e guerras, tomando posturas que geraram o histórico nascimento das “políticas de identidade”, a qual deu a cada movimento sua própria identidade. Isso abriu diversos campos de atuação buscando pela descentralização do sujeito, campos que incluíam as relações de gênero, sexualidade, trabalho doméstico, direitos básicos etc. (ROCHA, 2010).

A subjetividade na pós-modernidade é formada e produzida à luz dos gêneros, em outras palavras, o feminismo politizou a subjetividade e o processo de identificação como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas. Assim, o que era, em princípio, um movimento 11 que visava à luta pela igualdade de gêneros, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (ROCHA, 2010).

O autor destaca que essas articulações teóricas refletiram nos estudos literários e culturais, fazendo parte de questionamentos históricos e da literatura. Contribuíram também para os estudos sobre o sujeito pós-moderno descentralizado, que possui identidades abertas, contraditórias e fragmentadas.

2.2.1 A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA NA PRÉ E PÓS-MODERNIDADE

Stuart Hall (2006), ao falar sobre formação identitária, diz que para as teorias sociais a identidade por muito tempo estabilizou o mundo social, porém, com o a modernidade, novas identidades vão surgindo, colocando as antigas em declínio e fazendo com que o sujeito moderno deixe de ser algo unificado, tornando-se fragmentado em suas identidades. Essas crises quanto ao sujeito e sua identidade fazem parte de um amplo processo de mudança, alterando as estruturas e modo operacional da sociedade, que antes possuíam conceitos mais estáveis quanto às referências do mundo social.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2006).

O autor cita três concepções diferentes sobre identidade, que são as concepções quanto ao sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Para ele, o sujeito do iluminismo considera o indivíduo totalmente centrado e unificado, que, ao longo de sua existência, era contínuo e permanecia idêntico, possuindo total capacidade de razão e consciência de suas ações.

O sujeito sociológico vai de encontro à complexidade do início do mundo moderno, considerando o indivíduo em seu interior como um sujeito que não é autônomo nem autossuficiente, mas sim de relações com outras pessoas, que dá sentido aos valores, cultura e símbolos do mundo através da interação com a sociedade. Esse sujeito possui uma essência e individualidade, que é formada e modificada através dos diálogos com o mundo, as culturas e as identidades externas.

Com essas interações e internalizações, à medida que o mundo e as culturas vão mudando, a identidade do sujeito também muda. Essas mudanças contribuem para o sujeito primordialmente fragmentado. O sujeito interior interage e é preenchido pela influência exterior. Esse interior é projetado na identidade cultural externa e internaliza significados e valores para si, fazendo com que o sujeito se estruture e se estabilize de acordo com as contínuas mudanças culturais e sociais do mundo, tornando-se então o sujeito pós-moderno (HALL, 1987).

A identidade, sendo assim, torna-se inconstante. Ela é transformada continuamente de acordo com as mudanças sociais e culturais, fazendo com que o sujeito assuma várias identidades que não se fixam apenas em um “eu”.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 1990).

Sobre o processo de identidade em conjunto com a subjetividade, Judith Butler (1997) defende uma noção de ‘eu’ que é ‘além de si’, é ‘excessiva’, ou seja, que a subjetividade não poderia ser levada em conta apenas por termos construtivistas, que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir conhecimentos. As condições de emergência do ‘eu’ não poderiam ser explicadas racionalmente, pois estariam além dessa possibilidade, mesmo com a tentativa de desconstrução da natureza dos termos do sujeito para si como faz a psicanálise de Freud, é necessário ir além das tentativas antidogmáticas da psicanálise.

Para a autora, a identidade é uma combinação complexa de estruturas abrangentes ditas normativas, que, como tal, necessitariam serem desconstruídas para se encontrarem em uma universalidade, ditando o existencialismo e singularidade que formam o eu de um indivíduo.

Aceitar a combinação de normatividade e casualidade seria importante para o reconhecimento do sujeito como incapaz de contar sua própria história de vida levando em conta que a primeira parte, a infância, permanece obscura e esquecida ao indivíduo (GUARALDO, 2007).

Giddens (1990) vai de encontro a esse pensamento ao dizer que a identidade também é influenciada pelo processo de mudança da modernidade, a globalização. A sociedade moderna é caracterizada pela sua constante mudança, que é também rápida e permanente, diferente das sociedades tradicionais ou “antigas” que possuem processos mais lentos e tradições enraizadas.

O autor afirma que a modernidade não apenas está mudando rapidamente, como também está se tornando uma reflexão de vida, onde as práticas sociais são constantemente observadas e modificadas através delas mesmas, fazendo com que o caráter de mudanças e transformações sociais sejam constantemente influenciadores no processo de formação identitária.

Indo ao encontro do que foi dito, Laclau (1990), reforça que essas constantes mudanças na sociedade produzem uma variedade de diferentes identidades para os indivíduos. As identidades do passado, as quais eram mais rígidas e resistentes à mudança, tornam-se também abertas para mudança e novas configurações, criando identidades e conseqüentemente novos sujeitos, sendo a mudança dessa estabilidade passada algo positivo na constituição da modernidade.

Retornam-se então as descobertas do inconsciente por Freud, onde seus estudos tiveram um profundo impacto descentralizador sobre o pensamento moderno do século XX quanto ao sujeito. Sua teoria contribuiu para que considerassem as identidades, a sexualidade e a estrutura dos desejos de um indivíduo como formadas através de processos simbólicos e psíquicos do inconsciente, funcionando através de uma lógica diferente da “razão”, que era característica de um sujeito fixo e unificado, proposto por Descartes (HALL, 2005).

Lacan (1977) faz uma leitura de Freud considerando que a criança gradualmente aprende sua imagem do “eu” como algo inteiro e unificado de forma parcial e com dificuldade. Ele considera que essa imagem do “eu” que a criança forma não se desenvolve a partir de um interior, mas sim de sua relação com os outros, em negociações psíquicas inconscientes que acontecem na primeira infância e em suas fantasias de suas figuras maternas e paternas.

O autor também apresenta uma conceituação chamada “fase do espelho”, que considera que uma criança que ainda não esteja coordenada não possui noção de autoimagem, não se vê como uma pessoa “inteira” e nem se “imagina” refletida, nem literalmente em um espelho e nem figurativamente ao “olhar” de outro indivíduo que a considere como uma “pessoa inteira”. Essa conceituação vai de encontro à concepção de Freud, que considera a subjetividade como produto de processos psíquicos inconscientes, e, também, de sociólogos da época como Charles

Cooley e George H. Mead, exceto que eles consideram a socialização como uma questão de aprendizagem consciente.

Ainda sobre a formação do “eu” no olhar do “outro”, Lacan afirma que a criança inicia uma relação com os sistemas simbólicos externos, ao mesmo tempo em que ela adentra nesses variados sistemas representativos, que incluem a linguagem, a cultura e as diferenças sexuais.

Os sentimentos contraditórios e não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes "boa" e "má", a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos chave da "formação inconsciente do sujeito" e que deixam o sujeito "dividido", permanecem com a pessoa por toda a vida. Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida", ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada que ele formou na fase do espelho. Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da "identidade" (HALL, 2005).

Sendo assim, para o autor, a identidade é formada ao longo do tempo e através de processos inconscientes, e não algo inato que existe no consciente desde o momento do nascimento. A unidade da identidade existe através de coisas “imaginadas” ou fantasiadas, permanecendo sempre incompleta e em processo de formação. Portanto, a identidade deve ser referida como um processo em andamento, uma identificação, pois ela não só está dentro do sujeito como indivíduo, como também através de um “preenchimento” feito pela imaginação do exterior e do “outro”. O processo de identidade é uma busca a qual o indivíduo constrói sua biografia que compõe as diferentes partes do seu “eu”, que é dividido em unidades a qual o sujeito procura preencher com o mundo interno e externo.

2.2.2 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NA INFÂNCIA

Considerando o aspecto socioeconômico que passa por mudanças desde o século XVIII, tomando influência dos pensamentos iluministas, capitalismo e liberalismo, a noção de “indivíduo” é acentuada e influencia diretamente os olhares e sentimentos dirigidos à criança e a infância, tal qual suas relações sociais e de educação. Nessa complexidade é estruturada os conceitos sobre família, que inclui costumes e individualidades. Assim como diz Ariès (1981), os sentimentos da infância não se separam dos sentimentos da família (BARBOSA; REIS, 2008).

Reis (2008) entende que o significado de infância surge nos grupos sociais, destacando-se a família. A criança, como novo integrante daquele meio, é nomeada e tratada de forma diferenciada, tornando-a parte dessa instituição social, família, a qual responde pelas necessidades sociais estabelecidas. Biologicamente e socialmente, a criança participa desse

“projeto” de reprodução a qual a família faz parte na sociedade em que está inserida, quando aprende a se comportar tanto dentro quanto fora desse grupo, em qualquer situação, na sua formação como cidadão.

O autor também destaca que a concepção de criança e de infância não é a mesma em todos os lugares, é necessário reconhecer que existem diversos modelos de estrutura e dinâmica familiar. O papel de cada criança na família, então, é como um quebra-cabeça baseado nas peças que incluem a realidade material, cultural e de nível social, em que o sentimento de infância de uma família pode diferenciar-se quando uma criança é deixada na creche, cuidadas em casa pela mãe, ou que mesmo ajudam a família no trabalho diário e no sustento.

Wallon (1975) define a família como um meio fundamental de educação da qual a criança faz parte e é influenciada culturalmente e psicologicamente, sendo também determinantes significativos na constituição da identidade. A família é, então, o primeiro grupo de referência para uma criança, sendo fonte de afeto, proteção e cuidado.

Ainda sobre a constituição da criança, Vygotsky (2003) complementa que a criança, inserida no meio familiar, consegue dar significado a suas próprias ações através do dia a dia, internalizando signos e símbolos que mediam fundamentalmente a organização do seu modo de pensar e, também, desenvolvendo suas funções psicológicas. Para ele, a criança acumula experiências e se desenvolve através de sua relação com os adultos e outras crianças, mais velhas ou experientes, passando por um processo de afirmação enquanto sujeito único, ou “individuação”. A criança é, então, um organismo em desenvolvimento.

A identidade da criança tem suas primeiras organizações antes mesmo de nascer, com sua nomeação feita pela família. Após isso, é dado seu papel que já estava previamente estabelecido como novo membro dessa família e novo filho de seus pais, constituindo não só sua primeira identidade como criança como também transformando a identidade dos pais. Essas representações objetivam os papéis dessa família e com isso são interiorizados comportamentos de filho e de pais, constituindo esses membros através das relações familiares que reforcem essas condutas (CIAMPA, 1987).

O que é subjetivo no indivíduo torna-se objetivo no seu agir no mundo, delimitando, assim, o modo particular de cada um de interagir com meio social e material. A interação propicia a interiorização do meio social e material pelo indivíduo, transformando assim sua subjetividade (BARBOSA, 1997). Nesse movimento o homem não muda apenas o seu modo de agir no mundo, mas também muda quem ele é, e como ele se reconhece e se identifica. Há uma constante transformação no sentido de construção em sua identidade – ele não perde aquilo que lhe constitui, mas isso é acrescentado por novos elementos de sua vida. Dessa maneira, não há como existir uma identidade estática, mas sim uma “identidade-metamorfose” (CIAMPA, 1987).

Quanto a inserção social, Wallon (1975) considera que a criança é “biologicamente social”. É através da interação com os grupos a qual pertence, ela aprende a cultura da sua realidade social, fundamentalmente através do papel de sua família, aprendendo a viver e conviver no mundo. A criança, mesmo dependente, não é um sujeito passivo, pois modifica e muda os hábitos e atitudes sociais e afetivas da família.

Em conjunto a isso, Reis (2008) destaca que não há como padronizar os diversos meios pelos quais a criança é influenciada na formação de sua identidade, levando em consideração a instituição família estando tão diversificada. Ao mesmo tempo, a escola, mídia, amizades etc. também se cruzam com a família e influenciam a infância como outras fontes de informação. Mas é de conhecimento que tanto a família, que é influenciadora e filtro de informações externas, como a escola, a mídia e a sociedade são influenciadoras no processo de formação identitária da criança.

2.3 DESENHOS ANIMADOS E A MÍDIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento humano, de acordo com Silva e Gomes (2009), depende da sua relação com sua realidade e o interesse pelo conhecimento e o que é diferente. Ele analisa os arredores e busca a percepção, a sensibilidade do que é real e os aspectos relevantes dele, mudando assim a realidade que está sendo analisada. Isso, em conjunto com as subjetividades criadas pelo sistema educacional, faz com que o ser humano tenha diferentes visões sobre a realidade, entrando em contradições a todo instante.

Para as autoras, o sistema constantemente faz com que os indivíduos pensem de acordo com seus propósitos, esses que estão em constante mudança, impondo-o sua maneira de pensar. As imagens presentes em desenhos, propagandas etc. demonstram vários significados que se complementam de modo individual, sem a necessidade de explicações, sendo que seus aspectos variam de acordo com o olhar crítico do sujeito. Essas imagens possuem uma infinidade de possibilidades que contribuem para a formação de ideologias, que estão presentes na sociedade, ao mesmo tempo em que revelam esses conteúdos para os indivíduos.

De acordo com Fischer (2002), as subjetividades condicionam as crianças através dos desenhos animados, tal qual cita Walt Disney como exemplo, quando suas produções transmitem ideologias que agem de maneira fundamental para a formação identitária do ser humano que se encontra em formação. Os longas produzidos por Disney evidenciam suas narrativas e seu modo de ver o mundo, servindo de influência representativa para o pensamento e forma de agir da sociedade, abordando, mas não apenas, preconceito e discussões sociais.

Essa influência ideológica, representando o pensamento e forma de agir da sociedade, é relatada por Giroux (1995), que cita uma das obras de Walt Disney, “A pequena Sereia” de 1989, que apresenta o machismo da época, em que a protagonista troca sua voz por “pernas” para poder conquistar um jovem rapaz, ao mesmo tempo em que a vilã do filme diz que ele não gosta de mulheres que falam, enganando-a.

Posteriormente em 1998, doze anos depois, Disney retrata uma exaltação da mulher no filme Mulan, no qual uma jovem chinesa vai para guerra e salva a China, fazendo com que a personagem descubra um novo mundo onde mulheres não são apenas donas de casa esquecidas pelos homens. Fica nítido, então, os parâmetros impostos pela sociedade seguidos por Disney, esses que mudaram ao longo dos anos, transmitindo as imagens e mensagens de discussões sociais e preconceitos (SILVA; GOMES, 2009).

É reforçado por Mariuzzo (2007) que a formação identitária possui influência das histórias infantis, pois a imaginação da criança é diferente das noções de realidade possuídas por um adulto. Os personagens “mocinhos” se encontram em constante luta para superar seus apuros e derrotar o mal, temática que traz uma diversa quantidade de informações que impactam no desenvolvimento pessoal de um sujeito em formação. Essas situações entre os personagens são sempre muito representativas, quando as práticas do bem e do mal são bem diferenciadas e explícitas. Esse processo se encontrava em um contexto bem construído, através da trilha sonora, cores e cenários, aspectos fundamentais para o envolvimento emocional do receptor nesses acontecimentos.

Walt Disney é um produtor de sujeitos. Seus filmes sempre demonstram sua ideologia de vida. Na verdade, o que Disney transmite é o que aprendemos com os padrões impostos pela sociedade, isto é, transmitido de maneira simples para seus longas de animação; os seus conceitos dependem do pensamento crítico do receptor. Disney brinca com o imaginário infantil e de adultos, trazendo de volta sensações antigas, já esquecidas quando adultos (SILVA; GOMES, 2009).

Os desenhos animados também produzem fábulas, geralmente narradas por animais, em uma história que apresenta um diálogo de início, meio e fim, de maneira descritiva. Sendo assim, as histórias ajudam tanto o desenvolvimento imaginário da criança como também o aprendizado, que possui cunho de moralidade, demonstrando fraqueza e força, bem e mal e a derrota dos presunçosos, através de um jogo de raciocínio (DANNEMANN, 2007).

Silva e Gomes (2009) enfatizam a influência do cinema, e conseqüentemente dos desenhos, na indústria cultural. É criado um mundo imaginário de simbologia, que permite que o imaginário exceda os parâmetros impostos pela sociedade, através também de simulações da realidade humana, mundo esse onde todos podem ser o que quiserem ou gostariam de ser.

À medida que as imagens são exibidas, é feita uma análise de várias maneiras de interpretação que vão surgindo ao longo da trama, subjetivas e objetivas. O cinema, incluindo os filmes e animações, difere-se da leitura, pois causa um impacto emocional muito maior, pois não induz somente a imagens. O desenvolvimento psicológico interior é maior, pois além de também instigar o imaginário, as emoções transmitidas pela movimentação das imagens são diferentes e provocam sentimentos aparentes, que também condicionam o comportamento humano.

Para Benjamim (1994), o cinema possui grande importância na sociedade, pois é um dos meios que abrange as massas de forma mais eficiente, promovendo equilíbrio entre o ser humano e o aparelho. As imagens apresentadas evidenciam vivências do cotidiano e abrem a experiência do inconsciente ótico, que registra aspectos da realidade que fogem da ótica natural, através das formas de construção e técnicas de imagem. Esses filmes podem, assim, atingir o mundo dos sonhos e das psiques.

A sociedade é, de certa forma, manipulada pelos meios dos produtores de cultura. Em outras palavras: somos seres pensantes, porém, esses meios ajudam-nos em nossa formação e interação na sociedade e a seguir as regras dos parâmetros sociais e políticos, aos quais somos impostos. Enfim, as narrativas, subjetividades e ideologias encontradas em contextos fílmicos são de suma importância para a formação do caráter humano (SILVA; GOMES, 2009).

A criança, em constante exposição à diversas fontes de informação, precisa se organizar a partir delas e, com isso, são sugestionadas novas formas de pensamento e tendências comportamentais. Quando não existe a possibilidade de análise crítica da criança a partir do que é mostrado na mídia, em conjunto da não interação com outros suportes textuais ou mediação de um adulto, é regra que irá acontecer uma incorporação de ideologias (PEREIRA; RUARO, 2009).

A televisão, através de sua função de entretenimento, constitui uma dimensão educativa que possui grande importância na organização do pensamento e do desenvolvimento infantil na contemporaneidade. De acordo com as autoras:

As crianças fazem da televisão uma das principais fontes de lazer e os aspectos lúdicos das mensagens destinadas a esse público sugerem ao imaginário infantil reprodução de representações sociais específicas criadas a partir da demanda capitalista que é traduzida pelo apelo ao consumo e à relativização de valores e crenças. Quanto às preferências televisivas do público infantil, pontuamos os desenhos animados como alvo principal para essa demanda, uma vez que tais programas por conta de sua estrutura (cores, movimento, musicalidade, temática e temporalidade) e de sua linguagem essencialmente lúdica, absorvem maior atenção dessa faixa etária (PEREIRA; RUARO, 2009).

Os autores destacam que a criança investe em novas formas de se relacionar consigo e com os outros através da aproximação com o personagem do desenho e seu estilo de vida. Ela

consegue resolver seus dramas e conflitos por meio das aventuras desses personagens de uma maneira simbólica, tornando-os “brinquedos” em função lúdica. Com essa aproximação da criança com o contexto do desenho, ela pode estabelecer uma dinâmica entre distanciamento do seu nicho cultural com um possível rompimento de suas origens, produzindo um conflito de identidade. Isso é ainda mais abrupto quando as produções animadas possuem origem estrangeira, como americana e japonesa, que carregam ideologias culturais e de consumo muito diferentes da realidade a qual uma criança de outra nacionalidade possui, pois enquanto a criança assiste, também brinca, se relaciona e incorpora esses aspectos.

2.3.1 CONTRIBUIÇÕES MORAIS E INTELECTUAIS

A criança assiste televisão por diversos motivos. Seja para passar o tempo, para se distrair, para ter uma companhia, escapar da realidade, viver aventuras, por estar entediada, não querer fazer outra atividade, pelo prazer da fantasia, para aprender sobre o que a escola não ensina, para identificar-se com personagens e aprender sobre si mesma, para estimular-se e vivenciar emoções e desafios, para conhecer coisas que não tem oportunidade de conhecer com outras pessoas etc. (CAMPOS; VIEGAS; MIRANDA, 2010).

Para Moran (2007 apud WEBER, 2012), a televisão é a mídia que possui a maior influência sobre a criança, sua formação e o mundo infantil. Ela pode predispor a comportamentos negativos, mas ao mesmo tempo fornece também inúmeros estímulos educativos, valoriza saberes, oferece uma diversidade cultural ampla e promove boas atitudes.

Pillar (2001) se refere a TV como uma “babá eletrônica”, a criança fica aos cuidados da programação e pode ter suas concepções e cobranças alteradas ou confirmadas. Colvara (2007) complementa que as crianças possuem uma necessidade de “moralização” e disciplina, que é cobrada pelo meio externo, e que os desenhos podem contribuir no auxílio da formação e firmamento de valores e normas de conduta, tão como também lidar com conflitos e temores íntimos.

A programação infantil, produzida com fins educativos e de formação, conquistam a empatia dos telespectadores pela história, enredo e personagens, ao mesmo tempo em que os envolve intimamente. Esse é um processo de identificação e projeção das crianças para com os personagens e temas abordados, que tocam cada telespectador em diferentes momentos da vida de forma diversificada (KASPRZAK, 1997).

Siqueira (2002) complementa e aponta que, embora os desenhos sejam vistos como entretenimento e diversão, eles possuem diversos conteúdos simbólicos. A televisão reforça imagens que já circulam na sociedade e atuam sobre a construção do imaginário infantil e

adulto, através de suas representações. O autor ressalva que, no entanto, os indivíduos só irão acatar ideias ou pressupostos aos quais estiverem predisposição para acatar.

De acordo com Colvara (2007), é com quatro anos que a “vida telespectadora” se inicia. Com quatro anos de idade a criança está em pleno desenvolvimento, durante o egocentrismo, onde o mundo gira em torno dela mesma e não consegue identificar o que possui ou não relação com ela. Durante esse período, a criança só é capaz de ver através da própria perspectiva, sem levar em consideração as ideias do outro. Aos poucos, durante esse auto centrismo, ela começa a perceber o mundo ao seu redor à medida que vai conseguindo fazer distinções importantes que vão além do seu núcleo familiar. É, com isso, que se inicia as interações com o meio externo social e o estabelecimento de regras e normas de conduta.

Para o autor, enquanto o superego da criança está em formação, os valores de convívio social dela são colocados à prova em todo momento. O que a criança sentir justo e valorizado vai ser conquistado pela sua consciência moral, incorporando-se ao tabu e suas normas sociais.

O desenho animado se insere nessa lacuna de necessidade constante por reforço e aprovação ou reprovação de condutas, exercendo forte influência sobre a formação moral dessa criança, juntamente com a disseminação de valores presentes no mundo real. A televisão utiliza-se de mecanismos de projeção e identificação para capturar seu público, o que muitas vezes parece como uma “hipnose” sobre as crianças telespectadoras. Enquanto a criança se diverte, ela satisfaz sua necessidade lúdica vivendo conflitos, aventuras e medos em seu âmbito imaginário, amadurecendo aos poucos cognitivo e emocionalmente sem perceber, sendo isso uma grande contribuição dos desenhos para o desenvolvimento infantil (COLVARA, 2007).

Kasprzak (1997) explica que ao invés de considerar como “hipnose” ou “vício”, é possível entender a televisão como um meio que atrai esses indivíduos para atualidade dos aspectos sonoros e visuais de sua composição, tão qual como por suas identificações afetivas do âmbito psíquico, que lhes permitem vivenciar a necessidade de crescer no mundo.

Para a autora, a infância é o momento quando a criança mais constrói pontes entre o mundo real e o mundo interno, através de suas experiências. Mesmo por vias fantasiosas e irreais, a criança é capaz de construir um lugar para si, significando suas experiências com o auxílio do processo de identificação da cultura familiar e social.

Mendonça, Mendes e Souza (2005) complementam que a televisão apresenta efeitos positivos ou negativos na formação do indivíduo, dependendo da maneira a qual for utilizada. As crianças interagem com o aparelho e elaboram suas representações baseados em seu universo biopsicossocial, ou seja, através do seu universo biológico, psicológico e social, que é diferente para cada ser humano.

Em relação à televisão como “brinquedo”, que faz parte das brincadeiras infantis, Sartori e Souza (2012) explicam que as crianças se utilizam dela como um lugar para construir e reconstruir seus conhecimentos, aprendendo, cognitivamente, para além dos valores e condutas que assistem. A televisão facilita a recepção por parte do sujeito através de elementos familiares e já reconhecido por ele. Com isso, o indivíduo na infância pode brincar, ao mesmo tempo em que atribui suas vivências, criam e recriam hipóteses sobre seus entendimentos e compreendem o mundo.

O conhecimento é, então, aprendido progressivamente pela criança através das ações e predisposição a isso. Ela é capaz de ter instrumentos para interpretar e dar novo sentido ao que já conhece, tudo isso enquanto assiste televisão. Isso faz com que o conhecimento não seja apenas transmitido, mas sim construído (Silva, 2008).

Kasprzak (1997) reforça a importância do auxílio dos pais na compreensão e reflexão dos conceitos e valores transmitidos pela mídia televisiva. Silva e Leite (2013) complementam, a criança ainda não possui uma maturidade desenvolvida para conseguir estabelecer determinados conceitos, que estão em conjunto com a formação do caráter, afetividade e relações sociais. Para os autores, a mídia é capaz de forte influência e possui grande impacto na formação infantil, pois ela desenvolve opiniões e conceitos, estimulando o comportamento de muitas delas.

2.3.2 Steven Universo

Steven Universo (ou Steven Universe, nos Estados Unidos) é uma série animada norte americana produzida por Rebecca Sugar para o canal televisivo por assinatura Cartoon Network. A série teve seu início em 4 de novembro de 2013 e teve sua conclusão em 27 de março de 2020.

O desenho animado retrata a história de um garoto de 13 anos (no início da série, porém que aparenta ter bem menos) que sai pelo mundo ajudando suas fortes amigas, e cuidadoras, em várias aventuras. Steven Universo aborda diversas temáticas como relacionamentos, família, amadurecimento, preservação do meio ambiente, resolução de problemas, diversidade, temáticas LGBT e configurações familiares, tudo isso de forma sutil e gradativa ao decorrer de toda a série.

A série é contemporânea, aborda temáticas atuais, como as citadas anteriormente, e mostra personagens femininas (Garnet, Pérola e Ametista) como protagonistas muito fortes. Além disso, Steven faz parte de uma configuração familiar não-comum, pois as três

personagens femininas são suas cuidadoras, e figuras maternas; quebrando a configuração de uma família nuclear, como citado em um de seus episódios.

Durante toda sua trajetória, Steven encontra diversos problemas, muitos deles os quais ele não consegue resolver inicialmente. Ele conta com ajuda, gradativamente amadurece e vai se tornando um personagem cada vez mais bem desenvolvido. Não só ele, mas as outras personagens também. O desenho aborda dificuldades típicas e outras mais complexas que crianças podem passar, desde se preocupar com animais ou até mesmo a preocupação de fazer novas amizades. A série também aborda a diversidade contemporânea em seus outros personagens, como a mãe da amiga do protagonista, que é uma médica bem-sucedida e negra.

Ao longo dos episódios, a série retoma e aborda outros assuntos que não são muito falados, ou ainda considerados tabus, de forma bem delicada e bem desenvolvida, como: o relacionamento e casamento de pessoas do mesmo sexo, em que duas personagens femininas formam um casal que se ama e é capaz de se fundir através da magia para estarem sempre juntas; personagens femininas resolvendo seus próprios problemas e sendo heroínas que não dependem de outro homem para isso; e problemas psicológicos como trauma, ansiedade e baixa autoestima.

Aos poucos, esses e muitos outros assuntos são abordados gradativamente de forma sutil e delicada para o espectador, cheio de fantasias, com um enfoque na naturalidade e capacidade de melhora que os personagens possuem para aceitar ou resolver esses problemas.

2.3.3 She-Ra e as Princesas do Poder

O desenho de *She-Ra e as Princesas do Poder* é uma versão atualizada do desenho original *She-Ra: a Princesa do Poder* dos anos 80. Produzida pela DreamWorks Animation Television, teve sua estreia em novembro de 2018, através do serviço de transmissão Netflix, e sua conclusão em sua quinta e última temporada lançada em maio de 2020.

Uma animação contemporânea, *She-Ra e as Princesas do Poder* conta a história de Adora, uma garota que encontra uma espada mágica capaz de transformá-la numa princesa superpoderosa. Ela tem seu destino alterado quando se perde em uma floresta e é capturada por um grupo inimigo ao seu antigo reino, que a faz perceber que esse tempo todo ela estava lutando pelo lado errado.

Com uma temática totalmente voltada para o empoderamento feminino, o desenho possui a maior parte do elenco composto por mulheres. A trama não gira apenas em torno de Adora, como também dá enfoque para todas as garotas poderosas ao seu redor, sem excluir a representatividade cultural e de biótipos, já que, diferente da versão dos anos 80, as personagens

são diversificadas, possuem diferentes biótipos, raças, etnias e etc. não apenas sendo todas mulheres brancas de cabelo liso como eram na versão anterior.

A trama, embora tenha uma história principal, não deixa de abordar os problemas de cada personagem. Trata questões emocionais e psicológicas de forma compreensível e gradativa ao público. A protagonista nem sempre consegue lidar com todos os problemas, isso aborda o processo de amadurecimento não só dela como de seus amigos ao redor, empoderando, também, as garotas. O desenho fala de mulheres conhecendo sua força, aprendendo a lidar com as dificuldades pessoais e do dia a dia e, mais importante, aprendendo a se unirem e lutarem juntas.

O empoderamento feminino presente na série é constante, através de união e confiança, as garotas são capazes de diversos feitos surpreendentes, uma força capaz de mudar a realidade. O exemplo é claro tanto para meninas, que podem ver princesas que valem a pena ser, quanto para meninos, que podem admirar as garotas pelas suas capacidades, força e inteligência. Tudo isso fazendo parte de um debate contemporâneo muito presente na atualidade.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo possui caráter de pesquisa básica, com objetivo exploratório que, conforme Gil (2007) proporciona maior entendimento sobre o assunto tornando-o compreensível ou construindo questionamentos. Possui abordagem qualitativa, que busca compreender fenômenos através de dados não-métricos analisados de diversas abordagens, com objetivo de coletar e produzir informações para a criação de um novo saber (DESLAURIERS, 1991, p. 58). E também se trata de uma revisão de literatura narrativa/pesquisa bibliográfica, sem um enfoque numérico.

Um estudo de pesquisa básica propõe que conhecimentos sejam gerados e, a partir destes, possam ser feitos novos comparativos de estudos úteis para a ciência sem necessariamente haver uma aplicação prática da mesma (GIL, 2007). Em conjunto disto, este estudo, sendo de caráter exploratório teve, como meta construir e avaliar problemáticas e hipóteses para uma familiarização com o tema avaliado, tornando-o entendível para que possa ser utilizado posteriormente em conjunto de outros saberes.

Possuindo uma abordagem qualitativa, esta pesquisa aprofundou em um estudo sem enfoque numérico, de caráter social e de desenvolvimento informativo integrando abordagens e estudos diversos. Conforme Deslauriers (1991), a abordagem qualitativa produz informações novas através da coleta aprofundada de saberes já existentes, somando informações, problemáticas, hipóteses e conhecimentos quanto ao assunto e tema determinado.

O procedimento metodológico deste estudo foi feito unicamente através da pesquisa bibliográfica e do método dedutivo. Sendo feito na pesquisa bibliográfica o levantamento de um conjunto de informações, teorias e referências publicadas previamente em livros e artigos onde é possível recolher e conhecer o que já foi estudado sobre aquele assunto e problema de pesquisa (FONSECA, 2002, p.32).

O uso do método dedutivo vai ao encontro do procedimento metodológico. Foi feita a síntese sobre as teorias comparativas da psicanálise sobre o assunto para alcançar a conclusão desse estudo. Para Azevedo (2011), o método dedutivo faz uso do raciocínio silogista, no qual existem proposições, chamadas premissas, que permitem a discussão e conclusão de um assunto em virtude dessa lógica. Com os estudos da psicanálise quanto ao desenvolvimento infantil, a diversidade e o comparativo com os desenhos animados, também foi feita uma síntese das evidências para consumir os resultados.

Contemplando os métodos de pesquisa acima, foi efetuada uma busca por referências teóricas já publicadas a fim de recolher a maior quantidade de estudos possíveis para confirmar as hipóteses a respeito do problema de estudo através do método dialético.

Autores, alguns do século passado, que contribuíram fortemente para os estudos científicos da psicologia, a qual abordavam a temática proposta neste trabalho, foram de extrema importância para a formação de um referencial teórico adequado para esta pesquisa, sendo de extrema importância para o caminhar teórico deste trabalho. Podemos citar Freud; Macedo; Chauí; Prizskulnik; Laplanche; Lacan; Wallon; Foulcault; Ariès; Ciampa; Hall; Giddens; Laclau; Butler; Vygotsky; Deslauriers; Giroux e Kasprzak; Pillar. Além de autores de artigos mais recentes que abordavam os estudos da temática de forma contemporânea, como Zenere; Ubialli e Calminatti; Zavaroni; Rocha; Barbosa e Reis; Gil; Azevedo Filho; Silva e Gomes, Mariuzzo; Pereira e Ruaro, Campos, Viegas e Miranda; Moran; Weber; Mendonça, Mendes e Souza; Sartori e Souza; Silva.

Foram produzidas análises dos dados coletados da literatura e comparações entre as abordagens e estudos científicos da psicanálise, a fim de reconhecer o que a área já abordou sobre temas quanto ao desenvolvimento infantil, a presença da diversidade cultural e familiar em desenhos animados atuais e a relação entre esse desenvolvimento e a temática da diversidade estar cada vez mais presente em desenhos animados de público infantil.

A pesquisa utilizou-se de sites de referências, artigos online e livros de enfoque psicanalítico quanto aos temas do desenvolvimento infantil, diversidade cultural e familiar, dois desenhos animados estadunidenses, sendo esses *Steven Universe* e *She Ra e as Princesas do Poder*, sendo *Steven Universe* da emissora Cartoon Network e de classificação indicativa para crianças de 10 anos e *She Ra* (2018) da Netflix e de classificação indicativa Livre.

Desta forma, baseando-se na literatura psicanalítica, foram delimitados os temas de acordo com a presença deles nos dois desenhos animados estudados. Estão inclusos o desenvolvimento infantil, diversidade de culturas e novas configurações familiares, temas contemporâneos ao estudo da psicologia, estando presentes em desenhos animados atuais que são assistidos por crianças em fase de desenvolvimento.

3.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para se chegar aos resultados, a pesquisa englobou um recorte de estudos presentes na internet de publicações a partir de 2004, em artigos científicos presentes em Google Acadêmico,

SciELO, PePSIC. E também referências de estudos de autores primordiais da psicologia, como Freud e Lacan.

O estudo e coleta de informações de pesquisa TCC ocorreu no período entre setembro de 2019 até abril de 2020, teve uma pausa devido a pandemia do coronavírus e retornou em agosto de 2020, tendo continuidade até junho de 2021, quando foi concluída.

3.3 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo englobou artigos acerca do tema proposto, além dos dois desenhos animados *Steven Universe* e *She-Ra*, o que possibilitou uma comunicação entre todas essas as fontes com a problemática proposta.

Um dos desenhos é *Steven Universe*, de tradução *Steven Universo* para o Brasil, possuindo 6 temporadas de aproximadamente 26 episódios cada com duração de 11 minutos, e um filme. O desenho estadunidense é dirigido por Rebecca Sugar para o canal de televisão por assinatura *Cartoon Network*, que teve sua estreia em 4 de novembro de 2013 e seu fim em 27 de março de 2020.

O outro desenho é *She Ra and the Princess of Power*, de tradução literal *She Ra e as Princesas do Poder*, desenvolvida por Noelle Stevenson e produzida pela *Dreamworks Animation Television*. É composto por 39 episódios divididos de 24 minutos cada, divididos em 4 temporadas, que estreou em 13 de novembro de 2018 na provedora de séries e filmes via streaming *Netflix* e teve sua última temporada lançada em 5 de novembro de 2019. O desenho é um reboot da série *She-Ra: Princesa do Poder*, de 1985, da produtora de desenhos animados *Filmation*.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão da pesquisa consideraram artigos científicos presentes no SciELO, PePSIC, Google Acadêmico, que incluíram a temática “subjetividade no desenvolvimento infantil”, “mídia na infância”, “diversidade em desenhos animados” e “formação identitária”.

Quanto ao tempo de publicação, foram incluídas produções científicas a partir de 2004, embora teve-se preferência por produções mais recentes. Publicações que não se adequaram a esses critérios foram desconsideradas. Publicações que possuíam esses temas sem um enfoque ou citação do infantil também foram desconsideradas.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS, ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO, REGISTRO, ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa bibliográfica, como dito por Silva e Menezes (2005), consiste em analisar a literatura já publicada, seja em livros, revistas ou eletronicamente, contribuindo para a obtenção de informações quanto a situação do tema e problema. Com ela, é possível revisar aspectos que já foram abordados e verificar opiniões similares e divergentes quanto ao tema ou aspectos relacionados ao problema de pesquisa.

Para a primeira parte desse estudo foi feita a formulação do problema, de forma científica, a fim de contribuir para o pensamento da psicologia, formulado como uma pergunta. A pergunta não apresenta juízo de valor e nem problema de engenharia, pois não procura saber *como fazer* algo, mas sim investiga *como é*, em suas causas e consequências.

A pesquisa bibliográfica também contribuirá para obter informações quanto ao problema formulado, conhecendo as publicações sobre o assunto e verificando as opiniões similares e divergentes dos autores quanto a ele, fazendo correlação entre o problema de pesquisa, o tema e seus aspectos relacionados.

A localização e seleção dos estudos bibliográficos buscou por uma grande base de dados científicos já publicados acerca do tema proposto, incluindo termos, temas e palavras-chave sobre: criança, desenvolvimento infantil, diversidade, influências da mídia, família, subjetividade, aprendizado infantil, formação da personalidade, formação identitária, influências da mídia, diversidade contemporânea.

A avaliação da qualidade e coleta dos dados se deu quanto à confiabilidade das fontes de base de dados científicos. Os estudos foram selecionados de publicações do SciELO, Google Acadêmico e PePSIC, a fim de garantir confiabilidade das fontes.

Por fim, foi feito o resumo e revisão envolvendo os processos de leitura e interpretação de resultados, baseado nos artigos de revisão encontrados, exploração do material e tratamento dos resultados através da análise e discussão quantos as informações publicadas.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo não incluiu a participação de seres humanos, portanto não apresenta os riscos desse tipo de pesquisa. Entretanto, o estudo faz por uso de saberes científicos e tem por objetivo total respeito a quaisquer assuntos éticos e possuem um caráter que visa não prejudicar ou ofender nenhum indivíduo ou área do saber, o que vai de acordo com a resolução 466/12 do Ministério da Saúde. O trabalho tem enfoque de contribuir com a pesquisa da psicologia de

forma humanitária e de produção para o meio científico quanto ao conjunto de temas estudados e suas correlações na contemporaneidade.

3.6.1 Desfechos

3.6.1.1 Primário

O desfecho primário da pesquisa tem o objetivo de relacionar como a diversidade familiar e cultural recorrente em desenhos animados contemporâneos podem influenciar o desenvolvimento das crianças que o assistem, tão como sua formação de personalidade e identitária, de acordo com os estudos da psicanálise e as temáticas presentes nessas animações.

3.6.1.2 Secundário

Espera-se que esta pesquisa contribua para um assunto contemporâneo e de importância para a psicologia e meio científico, que embora esteja presente na literatura não está presente de maneira específica nessa junção apresentada na pesquisa, fazendo correlação entre as temáticas, os desenhos e o desenvolvimento da criança. Sendo assim, é possível construir novos tipos de pensamentos e discussões a partir desse estudo que tragam benefícios para o meio científico contemporâneo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao englobar um recorte de dados a partir de publicações de 2004 em diante, presentes em plataformas científicas como Google Acadêmico (que indexa bases de dados de universidades e editoras), PePSIC e SciELO, foram encontrados diversos artigos e pesquisas de estudos primordiais da psicologia e da temática deste trabalho. Tendo em vista o início da pesquisa em setembro de 2019 até abril de 2020, com uma pausa devido a pandemia e retornando em agosto de 2020, houve um amplo período para se estabelecer os rumos deste trabalho e organizar seu referencial teórico.

As temáticas “subjetividade no desenvolvimento infantil”, “diversidade em desenhos animados”, “formação identitária”, “mídia na infância” foram consideradas e incluídas na pesquisa desses artigos, presentes nas plataformas acima. As publicações que não adentravam essas temáticas de forma conjunta ou em relação ao público infantil, como escritos anteriores ao ano de 2004, foram desconsideradas.

O autor desta pesquisa, em consulta baseada em filtro estabelecido pelos critérios de inclusão e exclusão, encontrou e consultou, em uma leitura flutuante, 54 artigos e publicações, os quais faziam links com outras pesquisas e referenciais teóricos, também utilizados para enriquecer academicamente este trabalho.

Posteriormente, foi feita uma nova pesquisa, a qual usando as palavras chaves “criança”, “mídia”, “influências”, “diversidade”, “desenvolvimento”, consideradas essenciais para essa pesquisa, incluíram outros artigos que abordavam a temática proposta. Foram encontrados diversos resultados na busca dessas palavras-chave, onde, através de uma pré-seleção de 20 títulos a partir da leitura flutuante das 3 primeiras páginas da pesquisa e, dentre estes, 6 artigos que tiveram uma adesão total para o objetivo da pesquisa e foram selecionados para a utilização do tratamento dos resultados e discussões, através da leitura dos resumos e considerações finais e posteriormente de uma leitura reflexiva e crítica acerca de todo o conteúdo.

Desta forma, foram incluídos os seguintes artigos:

O artigo “Desenho animado e imaginário infantil de massa: narrativas, mito e mídia na mediação escolar”, tem como autora Juliane Di Paula Queiroz Odino (2020), publicado na Revista Eletrônica de Educação. O trabalho aborda os temas “Cultura de massas, imaginário infantil, mídia-educação, desenho animado”, e busca compreender como a mídia e seus repertórios culturais, tão qual a linguagem dos desenhos animados, influenciam na constituição imaginária da criança, possibilitando a criação de reflexões críticas acerca do uso adequado dessas informações na educação, que faz parte do desenvolvimento infantil nos ambientes

escolares e no âmbito familiar, discorrendo sobre possibilidades de uma recepção mais crítica, diversificada e participativa.

Em seguida, o artigo “As crianças e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos Estudos Culturais”, do autor David Buckingham (2012), publicado pela revista *Matrizes*, incluindo também os temas “Estudos culturais, criança, televisão, circuitos culturais”. Neste trabalho, o autor abordou as correlações entre a mídia e a criança; como a televisão, de maneira cultural, influencia em seus espectadores, e de que forma as relações entre a mídia e a criança são estruturadas e restringidas por instituições e discursos sociais que definem o desenvolvimento infantil.

Tem-se o artigo “Super-Meninas em: o poder do rosa!?!” Por uma compreensão das feminilidades infantis a partir dos estudos de mídia, gênero e infância”, também da autora e doutora Juliane Di Paula Queiroz Odino (2016), que engloba os temas “gênero, animação, cultura, infância, imaginação e representatividade”, publicado através da Revista *Perspectiva* Edição v.33.3: Gênero, Mídia e Infância. Neste trabalho, a autora buscou problematizar o contexto social e cultural da menina na cultura midiática globalizada através da representação referencial identitária que culminam em uma ambiguidade e contradição, devido as apropriações e ressignificações feitas pelas crianças. Com isso, foram observadas características nessas representatividades ligadas tanto à subserviência e passividade feminina quanto características mais atuais e contemporâneas como as conquistas feministas e empoderamento das mulheres.

O artigo “Representações de gênero e família a partir da assistência fílmica do desenho animado *Valente* por estudantes do ensino fundamental II” aborda precisamente a temática infantil e de representações familiares e de gênero, presente em novos tipos de mídia para o público infantil no contexto cultural atual da globalidade. Os autores observaram a reprodução da hierarquia entre meninos e meninas retratadas em desenhos animados, tão qual como esses desenhos podem reproduzir e/ou quebrar representações e estereótipos de papéis de gênero e constituição familiar principalmente. Os autores buscaram, através do filme animado *Valente* (Disney-Pixar, 2012), como se dão essas representações de gênero e de família, tão qual as discussões sobre as representações sociais e relações hierárquicas entre homens e mulheres. Foi publicado por Braga (2016), através da Universidade Federal de Santa Catarina, no centro de Filosofia de Ciências Humanas.

Já o artigo “Produção de subjetividade infantil: mídia alternativa e educação ambiental”, aborda as influências possivelmente negativas para o desenvolvimento da subjetividade infantil através do poder da mídia, problematizando a influência midiática na educação ambiental, que

manipula o ambiente e o papel do ser humano diante desses acontecimentos. A autora considera que a trama cultural audiovisual submete a constituição da subjetividade infantil e influencia no pensamento lógico capitalista e, a partir disso, é possível também influenciar de forma crítica e de resgate a “originalidade” dessas crianças, através de mídias alternativas que são capazes de criar espaços de subjetividades, de acordo com os processos culturais contemporâneos, influenciando em sentimentos morais e sociais de cooperação. Foi publicado por Krischna Silveira Duarte (2013) pela Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil.

E por fim, o artigo “As influências da mídia no desenvolvimento infantil”, das autoras Bick et al. (2013), publicado pela Revista Psicologia em Foco, abordando a presença constante da mídia no dia a dia e cotidiano das crianças e quais influências ela possui ao decorrer da infância até a vida adulta, positivas e negativas. As autoras consideram que, embora as influências positivas existam, a presença predominante é de influências perversas e dominadoras e através deste trabalho, procuraram as consequências que esses aspectos exercem sobre as crianças.

Em concordância com as hipóteses levantadas no início deste trabalho, as publicações utilizadas acima acentuam que a diversidade cultural presente na mídia possui influência no processo contínuo de desenvolvimento humano, incluindo o infantil, sendo também utilizada como ferramenta midiática para a promoção de ideias, globalização e pensamentos coletivos há muitos anos.

Quanto a isso, Odininio (2016, 2020) fala sobre a cultura de massas e seu funcionamento como padrões de comportamento com regimes de narrativas estruturantes e intensivas trocas simbólicas, sendo essas trocas a forma em que cada indivíduo vê e absorve cada aspecto cultural, que influenciam no consumo, na comunicação, ampliação de repertórios e manipulação social através da cultura industrial de consumo que engloba todos os gêneros, classes econômicas, grupos, gerações e etnias. Assim, a autora acredita que a cultura globalizada criou um lugar privilegiado para que desenhos animados sejam configuradores do imaginário infantil, onde historicamente estiveram presentes em obras globais voltadas ao público infantil e, também, a família como as produções de Walt Disney.

Sobre isso, Buckingham (2012) acrescenta alguns aspectos sobre a cultura de massas, mais precisamente sobre os Estudos Culturais que, para ele, representam o interesse nas relações entre os processos de poder social e as práticas culturais singulares, ou seja, respectivamente: a construção da própria identidade, onde o indivíduo internaliza representações sociais e símbolos; e os hábitos, crenças, normas de comportamento, valores éticos, estéticos e morais de cada pessoa através da cultura a qual pertencem.

Assim, é analisado como os prazeres e significados culturais influenciam na sociedade, como os grupos sociais e seus indivíduos interpretam e utilizam-se de sua cultura e a função das práticas culturais na formação identitária das pessoas de maneira social. Nesse sentido, o autor considera a mídia como uma precursora quanto as influências para a construção da infância, em um processo contínuo de negociação social.

Odinino (2016, 2020) complementa que, para a formação e delineamento de um imaginário cultural, a partir da década de 40, os desenhos vêm sendo criados de forma massiva e constante, através da televisão, propagandas e internet, impulsionando assim uma institucionalização do imaginário infantil em escala global. Com isso, foi consolidando-se, através de matrizes culturais, fórmulas narrativas e estereótipos de personagens que estão inteiramente ligados a cultura de consumo. Não havia, na época, reflexões críticas acerca destes processos, tendo assim uma tendência para a implantação de marcas dominantes e de massificação, estruturadas socialmente no imaginário infantil, através das representações presentes nas narrativas dos desenhos.

Em relação a isso, Braga (2016) corrobora as ideias acima, concordando que um dos exemplos dessas implantações de massificação e estruturações sociais, tem-se presente as representações de gênero como fortes influenciadoras na sociedade. Meninos observam seus heróis fortes, meninas se espelham nas princesas delicadas e bonitas. Nesse caso, a vida dos indivíduos em sociedade é normatizada através desses estereótipos, em uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade, que perpetuam e estabelecem as identidades presentes na sociedade. Braga (2017, apud Louro, 2010), complementa que a sociedade e a cultura são definidas e influenciadas por relações sociais que são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade, esta que sofre constante intervenção da mídia.

Apesar de toda essa influência imposta pela mídia, Odinino (2020) e Buckingham (2012) concordam que esse público não recebe toda essa carga midiática de forma passiva. Embora as pessoas estejam sob condições que não são de sua própria escolha, como o capitalismo, globalização e a sociedade do consumo, elas são ativas nesse processo cultural, pois os autores concordam que existe uma negociação social que engloba a forma em que a mídia estuda e lida com os grupos sociais, a cultura e a formação identitária presente na vida desses indivíduos.

Para os autores, a criança também é compreendida como produtora cultural, participando de maneira ativa tanto em seu desenvolvimento individual quanto no decorrer histórico-cultural. Ela ressignifica as mensagens e informações recebidas, negociando seus significados de forma constante através de seus processos de socialização, em uma relação que os autores chamam de receptor, mensagem e meio, que são três elementos presentes na

comunicação onde o receptor recebe a mensagem, que é o objeto utilizado para representar um conteúdo, correspondente ao meio, canal de comunicação onde essa mensagem é transmitida, como televisão, jornais, livros e propagandas. Essa relação se dá, então, por meio de estratégias comunicativas as quais ocorrem através da massificação das mídias, que atribuíram significados reconhecíveis aos seus produtos, permitindo o delineamento de um conjunto de elementos acerca da compreensão do que é e como funciona a infância na contemporaneidade.

Os autores reforçam que há uma participação e diálogo entre várias instâncias sociais também influenciadoras, como a igreja, a comunidade, a medicina, a família e outras, colaborando para a reunião de significados acerca da infância, que mesmo contraditórios, podem ser entendidos através desse conceito imaginário compartilhado e difundido através dos meios de comunicação de massa em escala global.

Considerando tudo isso, Braga (2016) investiga que toda essa influência possui impacto na mudança de valores morais, naturalização, quebra de paradigmas e padronização de identidades desses indivíduos. Com o passar do tempo, animações e filmes estão cada vez mais acrescentando uma maior diversidade de gênero, cultural e étnica em suas produções. Diante disso, é perceptível que essas animações desempenhem uma pedagogia cultural, sendo espaços para constituição de novas possibilidades para a construção da identidade, gênero, sexualidade e cultura.

A autora concorda que as crianças assistem e repetem padrões comportamentais, que dependendo da obra, podem reproduzir mais diversidade ou mais diferenças de gênero e sexualidade, construindo uma hierarquia entre o masculino e o feminino, mas sendo possível também uma mudança de narrativas, onde os meninos e as meninas conseguem encontrar outros caminhos além dos estereótipos que antes eram tão enraizados, através de novos tipos de animações e histórias que quebram essa hierarquização.

Bick et al. (2013, apud Levin, 2007), falam sobre como a mídia possui uma enorme influência na definição de valores, definindo como as pessoas devem se vestir, agir, se comportar, o que é importante na família e na sociedade. Entretanto, a mídia também utiliza ferramentas e estratégias de maneira negativa, com o objetivo de manipulação. Os autores citam as práticas de imitação, sugestão, persuasão, pressão moral e apontam que as pessoas são levadas a agir de acordo com essa influência muitas vezes sem possibilidade de reflexão, crítica, questionamentos ou contra-argumentos. Desta forma, alguns comerciais e programas forçam o processo de obtenção de objetos através da importância social que eles terão para o indivíduo que os adquirir, fazendo com que as crianças busquem aceitação dos grupos as quais pertencem através do consumo.

Neste ponto, Duarte (2013) também contribui ao dizer como os meios de comunicação de massa influenciam de maneira negativa na subjetividade infantil, que manipula e difunde as interpretações construídas da realidade, transformando a visão de mundo, que por sua vez também transformam as ações sobre ele. Sendo assim, a autora reforça a utilização de mídias alternativas que possuem elementos capazes de criar espaços de singularização de subjetividades que concordem com os desejos, a cultura e modo de agir que resgatem uma originalidade capaz de ser transformadora do meio em que se encontra.

Embora isso ocorra, Bick et al. (2013, apud Feilitzen, 2002) também ressaltam que existem fatores positivos que atuam no desenvolvimento infantil, como por exemplo, programas planejados que apresentam conteúdo educativo ou que reforcem valores morais para as crianças. As crianças que entram em contato com esses programas desenvolvem habilidades pró-sociais, como compartilhar, serem bondosas, prestativas e empáticas. Além disso Bick et al. (2013, apud Bandura, 2008), concluem que negativa ou positiva, essa influência ocorre através da aprendizagem social que é definida pela modelação simbiótica, processo de obtenção de comportamentos a partir de modelos, identificados pelo objeto da imitação, que geram novos comportamentos, costumes, ideias e maneiras de ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a constante influência da mídia em todo o meio global, percebe-se como a diversidade também é incluída nesse processo, seja em propagandas, filmes, desenhos e séries, o desenvolvimento infantil também é afetado continuamente, tendo impactos durante toda a vida. Tendo em vista alguns trabalhos de Odicino (2016, 2020), que mostram não apenas como a diversidade presente na mídia se encontra com o desenvolvimento das crianças, é possível observar com a contribuição dos outros autores a circularidade entre essas influências, tão qual os aspectos culturais, históricos e familiares que fazem parte deste processo.

Esta pesquisa chegou à conclusão que as hipóteses quanto a diversidade étnica, familiar e cultural presente em desenhos animados impactam de forma significativa e positiva na formação identitária e desenvolvimento infantil. Não apenas, ela também pode ser utilizada como ferramenta de ensino e inclusão para o crescimento da subjetividade na infância. Ainda é possível pesquisar como a diversidade presente nos novos desenhos nesta década está acontecendo. A gama de séries, filmes, propagandas, desenhos e livros está cada vez mais incluindo novos aspectos da diversidade em suas obras, algo que era pouco presente nas décadas passadas, ao qual se baseou muitos dos estudos deste trabalho.

Notou-se a dificuldade de encontrar pesquisas que se referissem ao conjunto específico dos temas em relação ao problema de pesquisa, que buscava informações sobre a influência da diversidade presente em desenhos animados no desenvolvimento infantil. Existem diversas pesquisas sobre a influência da mídia na infância, a influência dos desenhos animados ou a mídia quanto ao desenvolvimento humano, mas nada que fosse específico de acordo com o problema proposto. Sendo assim, fazem-se necessários, para trabalhos futuros, novos estudos e pesquisas que incluam a diversidade presente em desenhos animados contemporâneos de forma a correlacionar-se com o público infantil e as influências que ele recebe.

Foi possível notar as influências negativas da mídia, mas de nenhum modo em decorrência dos aspectos da diversidade cultural, sexual ou familiar, pelo contrário, é possível ver através de alguns estudos como os de Braga (2016) e Duarte (2013), onde essas novas possibilidades de conteúdo midiático abrem portas para a positividade e um melhor uso dessa influência para contribuir com um desenvolvimento mais saudável e livre da parte negativa da mídia, abrindo portas para novas pesquisas as quais seja possível a ampliação desses assuntos de uma maneira naturalizada e divertida na criação de novas mídias as quais incorporem mais possibilidades que façam parte do período de desenvolvimento durante a vida.

É perceptível as influências positivas que a diversidade em desenhos animados pode trazer para as crianças, elas aprendem que essa diversidade existe e faz parte do mundo.

Crianças que tem a oportunidade de entrar em contato com esses assuntos podem se sentir representadas e que não estão sozinhas, elas podem ver suas próprias características nos desenhos ou até mesmo descobrir outras possibilidades existentes.

Garotas tem a oportunidade de ver personagens femininas sendo bem-sucedidas e poderosas de maneira independente, que existem outras possibilidades além do usualmente é ensinado culturalmente. E também garotos que podem ver que está tudo bem em serem sensíveis, fugir da masculinidade toxica presente na sociedade ou demonstrar afeto e emoções de uma maneira mais sincera, por exemplo. Essas são algumas de diversas representações que a diversidade em desenhos animados pode trazer para a cultura e sociedade, colaborando para um desenvolvimento mais amplo, saudável e de maiores possibilidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, A. J. B. V. **Princípios de inferência dedutiva e indutiva: noções de lógica e métodos de prova**. [S.l: s.n.], 2011.

BANDURA, A; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARBOSA, I. G. **Formação de conceitos na pré-escola: uma versão sóciohistórica-dialética**. 1998. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BARBOSA, I. G.; REIS, F. F. S. **Família, Infância e Constituição da Identidade: perspectivas vinculadas pela psicologia e a visão dos vygotskyanos**. (Apresentação de Trabalho/Seminário). 2008.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, v. 1, 1994.

BICK, V. T.; CLARO, L. M. P.; ROSA, J. F.; PEREIRA, L. P. **As influências da mídia no desenvolvimento infantil**. 2013.

BUCKINGHAM, D. **A criança e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos estudos culturais**. Revista Matrizes, Ano 5 – no. 2, São Paulo – Brasil. jan./jun. 2012.

BUTLER, J. **The Psychic Life of Power**. California: Stanford University Press, 1997.

BRAGA, S. **Representações de gênero e família a partir da assistência fílmica do desenho animado Valente por estudantes do final do Ensino Fundamental II**. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Curso de Especialização de Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CAMPOS, A. L. A.; VIEGAS, R. F.; MIRANDA, A. R. **Desenhos animados na formação da criança**. In: Seminário Internacional de Políticas Públicas Integradas. São Paulo, 2010.

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V.(orgs). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIRINO, O. **Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

CLASTRES, G. **A criança no adulto**. In: J. Miller (Org.), **A criança no discurso analítico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

COLVARA, L. F. **A criança em tempos de TV. In: Diversidade e igualdade na comunicação**. Fórum da diversidade e igualdade: cultura, educação e mídia. Bauru – SP, 2007.

CUKIERT, M., & PRISZKULNIK, L. **O corpo em Psicanálise: algumas considerações**. Psychê, 4 (5), p. 53-63, 2000.

DANNEMANN, F, K. **Biografias** - Esopo. 24 ago. 2007.

DESLAURIERS J. P. **Recherche qualitative: guide pratique**. Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

DUARTE, K. S. **PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INFANTIL: mídia alternativa e Educação Ambiental**. HISPANISTA (EDIÇÃO EM PORTUGUÊS) , v. XIV, p. 1-9, 2013.

FISCHER, R, M, B. **O dispositivo pedagógico da mídia: educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, M. **"The subject and power"**. In Dreyfus, J. e Rabinow, P. Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics. Brighton: Harvester, 1986.

FREUD, S. **O esclarecimento sexual das crianças**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 135-144). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Texto original publicado em 1905).

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, H, A. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUARALDO, O. **Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 663-677, Dec. 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **"Minimal Selves"**, in **Identity: The Real Me**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

_____. **"Cultural identity and Diaspora"**. In Rutherford, J. (org.). Identity. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

KASPRZAK, R. G. **Desenho animado em tempo de violência: uma contribuição para pensar a construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

LACAN, J. **"The mirror stage as formative of the function of the I"**. In *Écrits*. Londres: Tavistock, 1977.

_____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1953)

LACLAU, E. **New Reflections on the Resolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

LAPLANCHE, J., & Pontalis J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Lisboa: Moraes, 1976.

LEVIN, E. **A Infância em cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor** (L. E. Orth et al, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. (5ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MACEDO, L. **As estruturas da inteligência segundo Piaget: ritmos, regulações e operações**. In: L. Macedo, *Ensaio construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

_____. **A epistemologia genética** (Coleção: Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MAGALHAES, D, D, M, M, O. **Constituição do sujeito X Desenvolvimento da criança: um falso dilema**. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 92-109, jun. 2006.

MENDONÇA, A. V. P. M.; MENDES, J. D. U.; SOUZA, S. C. C. **Uma reflexão sobre a influência dos desenhos animados e a possibilidade de utilizá-los como recurso pedagógico.** *Dominium*, Natal, Ano III Vol. 2. Mai/Ago 2005.

MORAN, J, M. **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá.** Campinas: Papirus, 2007.

ODININO, J, P, Q. **“Super-Meninas em: o poder do rosa!?!” Por uma compreensão das feminilidades infantis a partir dos estudos de mídia, gênero e infância.** *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 887 - 913, set./dez. 2015.

ODININO, J. P. Q.; SOUZA, G. J. A. **Desenho animado e imaginário infantil de massa: narrativas, mito e mídias na mediação escolar.** *Revista Eletrônica de Educação*, 2020.

PEREIRA, M, C; RUARO, L, M. **Mídia e desenvolvimento infantil: influências do desenho animado na organização do brincar.** In: Congresso Nacional De Educação EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: Pucpr, 2009.

PILLAR, A. D. **Brincando de cinema: um estudo sobre o vídeo processo num contexto de ensino aprendizagem.** 2001.

PRISZKULNIK, L. **A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações.** *Psic*, São Paulo, v. 5, b. 1, p. 72-77, jun. 2004.

ROCHA, L. C. M. **Teorias do Sujeito a partir da Era Moderna.** *Vernaculum*; v. 4, p. 1-14, 2010.

SARTORI, A.S.; SOUZA, K.R. **Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educ comunicativa na educação infantil: contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas.** *Revista de Estilos de Aprendizagem*. v. 1, n. 10. Out. 2012.

SILVA, M. C. **Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Feuerstein: Aproximações Teórico-conceituais.** 2008.

SILVA, W. P.; LEITE, I. N. **A influência da mídia televisiva sobre o processo de formação infantil.** In: Fórum Internacional de Pedagogia. 5, Bahia. Anais. v. 1, n.2, 2013.

SILVA, T, C, R; GOMES, A, C, F. **A Importância dos Desenhos Animados como Representação Ideológica: Formação da Identidade Infantil.** Iniciação Científica - CESUMAR, v. 11, p. 37-43, 2009.

SIQUEIRA, D. C. **O. Ciência e Poder no universo simbólico do desenho animado.** In: MASSARANI, L. et al (Org.) **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Ciência, p. 107 – 119, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2003

WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

WEBER, J. **Os desenhos animados enriquecendo as aulas na educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZAVARONI, D M, L; VIANA, T C; CELES, L, A, M. **A constituição do infantil na obra de Freud.** Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 12, n. 1, p. 65-70, Abr. 2007.

ZENERE, R. B., UBIALLI, S.; CALMINATTI, V. **O desenho animado como ferramenta no processo pedagógico.** Seminário De Iniciação Científica E Seminário Integrado De Ensino, Pesquisa E Extensão, 2014.